

A MORADIA ESTUDANTIL COMO ESPAÇO DE PERTENCIMENTO E DIVERSIDADE: EXPERIÊNCIAS NA REGIÃO DO BICO DO PAPAGAIO

*STUDENT HOUSING AS A SPACE OF BELONGING AND DIVERSITY:
EXPERIENCES IN THE BICO DO PAPAGAIO REGION*

Reginaldo Soares Fernandes [1]

RESUMO

Este artigo analisa as vivências dos estudantes na Moradia Estudantil do CEHS/UFNT, em Tocantinópolis, região do Bico do Papagaio. Por meio de abordagem qualitativa e interpretativa, investigou-se como esse espaço influencia a construção de identidades, as relações interpessoais e a apropriação do ambiente compartilhado. Os resultados indicam que a moradia transcende a função de alojamento, constituindo-se como território de saberes e trocas culturais entre estudantes de contextos urbanos, rurais, indígenas e quilombolas. A pesquisa evidencia que a integração entre políticas de assistência estudantil, como o PNAES, e ações extensionistas, como o Projeto Bem-Estar Universitário, é determinante para a permanência acadêmica. Conclui-se que a moradia atua como espaço de formação integral e diálogo intercultural, reafirmando a universidade pública como agente de inclusão e transformação social.

Palavras-chave: Moradia Estudantil. Extensão Universitária. Assistência Estudantil. Diversidade Cultural. Permanência Universitária.

[1] Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCult pela Universidade Federal do Norte do Tocantins.

ABSTRACT

This article examines the everyday experiences of students living in the Student Housing of CEHS/UFNT, located in Tocantinópolis, in the Bico do Papagaio region. Using a qualitative and interpretative approach, the study investigates how this space influences identity construction, interpersonal relationships, and the appropriation of the shared environment. The results indicate that the housing facility transcends its function as accommodation, becoming a territory of knowledge and cultural exchange among students from urban, rural, Indigenous, and quilombola backgrounds. The findings also demonstrate that the integration between student assistance policies, such as PNAES, and extension initiatives, including the Bem-Estar Universitário Project, plays a crucial role in ensuring academic persistence. It is concluded that student housing serves as a space for comprehensive education and intercultural dialogue, reinforcing the role of public universities as agents of social inclusion and transformation.

Keywords: Curricularization of Extension; University Extension; Initial Teacher Training; Curriculum Policies.

1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão busca compreender os significados atribuídos pelos residentes à experiência de viver na universidade, analisando como as relações de convivência, as redes de solidariedade e os saberes compartilhados influenciam suas trajetórias acadêmicas e pessoais. Ao examinar as dinâmicas internas da moradia, pretende-se evidenciar o papel transformador desse espaço na formação integral do estudante, destacando seu potencial como ambiente de intersecção entre o individual e o coletivo, entre a diversidade e a convivência, entre a permanência e o florescimento humano.

O apoio institucional e as iniciativas de extensão, como aquelas desenvolvidas pelo Projeto Bem-Estar Universitário, favorecem uma vivência mais harmoniosa e integradora, reduzindo vulnerabilidades e promovendo o protagonismo estudantil. Assim, a moradia estudantil configura-se como espaço privilegiado para a formação cidadã e reflexiva, permitindo que seus habitantes aprofundem a compreensão de si e dos outros em um processo educativo contínuo. Conforme assinalam Braga-Campos et al. (s.d.), a universidade pode constituir tanto um ambiente de estranhamento quanto de reconstrução identitária, no qual o estudante transita entre o universo afetivo de sua origem e as exigências do novo contexto social e acadêmico. A literatura científica destaca esse caráter formativo singular, marcado pelo encontro entre universos culturais diversos que se reconhecem, dialogam e se transformam mutuamente. É justamente nessa pluralidade que emerge um potencial educativo específico. Os residentes enfrentam desafios como o afastamento familiar, as limitações financeiras e o confronto entre distintos modos de vida. Nessa perspectiva, a experiência na moradia ultrapassa a função utilitária de alojamento e assume significados pedagógicos e formativos.

Essa dinâmica de convivência dialoga com as contribuições de Braga-Campos et al. (2010) no artigo O terreiro lá de casa: reconhecimento de bens culturais e bons encontros na comunidade. Embora os autores analisem um contexto comunitário, o princípio de que o reconhecimento das identidades e a promoção de “bons encontros” são essenciais ao pertencimento aplica-se de modo pertinente

à moradia estudantil. Assim, a universidade pode configurar-se simultaneamente como espaço de estranhamento e de reconstrução de identidades, no qual o estudante articula sua bagagem afetiva às demandas da vida acadêmica.

Essas vivências favorecem o desenvolvimento de competências sociais e emocionais fundamentais à vida coletiva, como empatia, diálogo e respeito às diferenças. Nesse ambiente, convivem indivíduos de múltiplas procedências que, ao compartilhar o cotidiano, aprendem a mediar divergências, resolver conflitos e fortalecer laços de solidariedade. O contexto regional confere especificidades às interações constituídas nesse espaço, revelando a complexidade das relações estabelecidas entre os moradores. A Casa do Estudante vinculada ao Centro de Educação, Humanidades e Saúde da Universidade Federal do Norte do Tocantins (CEHS/UFNT), localizada em Tocantinópolis, no Bico do Papagaio, exemplifica de maneira expressiva essa dinâmica.

Para estudantes que vivenciam deslocamentos geográficos e culturais, a moradia estudantil torna-se um ambiente simbólico de resistência, reconhecimento e valorização de suas raízes indígenas, quilombolas, rurais e urbanas, reafirmando a diversidade que caracteriza o espaço universitário. Trata-se de um local em que conhecimentos, origens e culturas se entrecruzam, permitindo que indivíduos de diferentes regiões, identidades e trajetórias compartilhem experiências e construam novas formas de convivência. Nesse sentido, a moradia ultrapassa a função de abrigo físico e transforma-se em território de acolhimento e reconstrução de vínculos.

Por meio de oficinas, rodas de conversa e atividades integrativas, a proposta busca articular ensino, extensão, arte, cultura e esporte, promovendo a construção de uma comunidade acadêmica mais saudável, participativa e solidária. Parte-se da compreensão de que a universidade é um espaço de múltiplos encontros e que a formação superior deve contemplar dimensões humanas, afetivas e coletivas, fortalecendo a convivência e o sentimento de pertencimento. A iniciativa visa criar um ambiente extensionista, artístico, cultural, esportivo e de promoção da saúde no âmbito da comunidade acadêmica, com o propósito de gerar impactos positivos e duradouros para estudantes e servidores. É nesse cenário que se insere o Projeto de Extensão Bem-Estar Universitário: Diálogos Integrativos na Moradia Estudantil, aprovado no edital do Programa Floresça-UFNT.

Tais instrumentos normativos, fundamentados em referenciais teóricos voltados à equidade, ao pertencimento e à justiça social, evidenciam a necessidade de ações complementares que assegurem não apenas o acesso, mas também a permanência e o bem-estar dos discentes. Essas diretrizes articulam-se a outras políticas educacionais, como o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), o Programa Universidade para Todos (Prouni) e as Leis nº 12.711/2012 e nº 14.723/2023, que regulamentam o sistema de cotas e ampliam o ingresso de grupos historicamente excluídos do ensino superior público. Mais recentemente, a Lei nº 14.914/2024 instituiu o Programa Estudantil de Moradia (PEM), reafirmando o compromisso estatal com a inclusão social e a igualdade de oportunidades no ambiente acadêmico. O Decreto nº 7.234/2010, por sua vez, instituiu o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), estabelecendo diretrizes para o apoio à moradia, alimentação, transporte e saúde. Assim, as políticas nacionais de assistência estudantil e a legislação vigente buscam consolidar, ao longo do tempo, mecanismos que garantam o acesso, a permanência e a formação integral dos estudantes no ensino superior público.

2. METODOLOGIA ADOTADA

Este artigo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, voltada à compreensão das experiências cotidianas dos estudantes residentes na Moradia Estudantil do Centro de Educação, Humanidades e Saúde da Universidade Federal do Norte do Tocantins (CEHS/UFNT), em Tocantinópolis (TO). Considerando o contexto regional do Bico do Papagaio e a diversidade cultural dos sujeitos envolvidos, a investigação busca analisar de que modo as práticas diárias e as interações sociais contribuem para a construção de identidades, vínculos e sentidos de pertencimento.

A metodologia fundamenta-se nos pressupostos da etnometodologia de Harold Garfinkel (2006), que propõe examinar as atividades ordinárias como métodos pelos quais os indivíduos produzem e tornam o mundo social inteligível. Conforme o autor, “as atividades pelas quais os membros organizam seus cenários cotidianos são as mesmas que os tornam explicáveis e contáveis” (GARFINKEL, 2006, p. 9). Essa perspectiva orienta a análise das ações dos estudantes como práticas reflexivas nas quais significados e normas de convivência são continuamente construídos e negociados.

A pesquisa foi conduzida por meio de observação participante e registros de campo, articulados à análise de referenciais teóricos sobre educação, cultura e convivência social. A observação minuciosa possibilitou identificar formas de interação, estratégias de adaptação adotadas pelos residentes e modos de organização e resolução de conflitos inerentes ao espaço coletivo.

A análise concentrou-se na circulação de saberes e nas redes de apoio estabelecidas entre os estudantes, concebendo a moradia como um ambiente de aprendizado mútuo e de produção de pertencimento. Em consonância com o princípio da reflexividade proposto por Garfinkel (2006), o estudo busca compreender não apenas o que os sujeitos fazem, mas como explicam e justificam suas ações, revelando as práticas que sustentam a vida cotidiana e a manutenção da ordem social nesse contexto.

Dessa forma, a etnometodologia orienta o enfoque deste estudo para as práticas ordinárias que, simultaneamente, organizam a convivência, produzem sentidos compartilhados e reafirmam o caráter formativo da experiência universitária na Moradia Estudantil da UFNT.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. SABERES, TERRITÓRIO E AS DINÂMICAS DE PERMANÊNCIA

A análise das dinâmicas sociais e territoriais da Moradia Estudantil articula-se a uma perspectiva que integra a sociologia da educação, a história das universidades e as teorias sobre a formação do sujeito em contextos coletivos. Essa base teórica possibilita compreender como o espaço universitário se configura como território simbólico e prático de aprendizagem, convivência e construção identitária. No caso da Moradia Estudantil do Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS/UFNT), em Tocantinópolis (TO), na região do Bico do Papagaio, essa reflexão adquire especificidade, pois o território apresenta marcas culturais, históricas e sociais que influenciam diretamente a experiência estudantil e o sentimento de pertencimento dos residentes à universidade.

A investigação do cotidiano dos moradores busca compreender como os estudantes interpretam e incorporam a vivência na moradia em suas trajetórias pessoais e acadêmicas. O espaço da Casa do Estudante, para além de sua função de abrigo físico, converte-se em ambiente de formação integral, no qual o conhecimento formal se articula aos saberes construídos na convivência diária. Esses aprendizados informais — permeados por troca de experiências, solidariedade e contato com a diversidade — constituem um repertório fundamental para o fortalecimento da autonomia e da

capacidade de enfrentar desafios, aspectos essenciais para a permanência no ensino superior.

A observação dessas experiências permite analisar as inter-relações entre políticas públicas e vivências individuais. As ações de assistência estudantil, ao garantir moradia, alimentação e apoio psicológico, não apenas favorecem a permanência, mas também reafirmam o compromisso da universidade pública com a inclusão social e a democratização do acesso. A efetividade dessas políticas exige sensibilidade institucional para reconhecer a pluralidade cultural e territorial que caracteriza o perfil discente. Em Tocantinópolis (TO), marcada pela presença de comunidades indígenas, quilombolas e rurais, a universidade desempenha papel mediador entre saberes locais e conhecimentos científicos, configurando-se como espaço de encontro e diálogo entre múltiplas epistemologias e fortalecendo as condições de permanência estudantil.

Sob uma abordagem interdisciplinar, o estudo das dinâmicas da moradia abrange dimensões simbólicas, afetivas, sociais e políticas. A sociologia contribui para a compreensão das relações de poder e das formas de sociabilidade que emergem da convivência; a antropologia auxilia no reconhecimento das identidades e das práticas culturais compartilhadas; e a geografia oferece subsídios para interpretar a moradia como território vivo, em constante construção, no qual se articulam espaço, memória e pertencimento. Essa convergência de perspectivas é decisiva para interpretar as práticas cotidianas dos residentes e suas conexões com as políticas de permanência.

A moradia, entendida como território educativo, constitui palco de narrativas e experiências que ultrapassam os limites institucionais, revelando o potencial formativo da vida comunitária. Em Tocantinópolis (TO), essa dimensão adquire contornos particulares, uma vez que o contexto regional imprime ao espaço universitário a diversidade cultural do Bico do Papagaio, região marcada por resistência histórica, circulação de saberes e valorização das identidades locais. Tal dinâmica territorial interfere diretamente nas estratégias de permanência, na medida em que os saberes locais dialogam com os conhecimentos acadêmicos.

Viñao Frago (1998), ao examinar as categorias de espaço e tempo escolares, destaca que o tempo acadêmico, embora prescrito e uniforme, é vivido de modo distinto pelos estudantes, conforme suas trajetórias e condições socioculturais. Essa dualidade evidencia a complexidade do tempo escolar como fenômeno cultural, influenciando tanto a aprendizagem quanto os processos de permanência. O contexto da moradia também se insere no debate sobre o desenvolvimento universitário em relação ao crescimento urbano (Buffa; Pinho, 2016), refletindo a relação simbiótica entre cidade e ensino superior observada em Tocantinópolis (TO), onde a moradia fortalece a articulação entre universidade e comunidade.

Destinada a estudantes em situação de vulnerabilidade econômica, a moradia configura-se como espaço permeado por tensões e adaptações que incidem diretamente sobre a permanência. O aprendizado coletivo, segundo Illich (1985), ocorre quando interesses e habilidades são compartilhados, favorecendo a construção de saberes produzidos nas interações cotidianas. Para Freire (1996), o conhecimento emerge do diálogo e da interação com perspectivas diversas, constituindo um processo contínuo de negociação de significados no qual identidades e saberes são constantemente reinterpretados. Essa dinâmica sustenta as condições de permanência no ambiente universitário.

Essa abordagem evidencia a complexidade de associar conhecimentos a um território de maneira singular, embora coerente, no interior de um grupo social. Ainda que existam elementos comuns, tanto os saberes quanto os territórios são dinâmicos, e essa mutabilidade gera tensões e disputas interpretativas. Tais movimentos revelam que a relação entre conhecimentos e espaços é permanentemente redefinida pelas interações sociais e pelas transformações culturais, o que impacta diretamente as políticas institucionais voltadas à permanência.



Segundo Soares e Prette (2015), o acolhimento institucional constitui fator relevante no enfrentamento dos desafios adaptativos, contribuindo para a inserção dos estudantes no contexto universitário e para sua permanência. Pavão (2015) sugere que essas iniciativas ultrapassam o apoio pontual, promovendo aprendizagens coletivas que favorecem a construção de identidades e o reconhecimento do espaço acadêmico. A heterogeneidade dos perfis estudantis requer políticas alinhadas a processos institucionais transformadores, capazes de contemplar a multiplicidade de modelos formativos. Nessa perspectiva, o apoio estudantil assume papel central nas dinâmicas de permanência, refletindo mudanças sociais e demandas contemporâneas.

No contexto de Tocantinópolis (TO), esse cenário indica ao CEHS/UFNT a necessidade de adaptações contínuas, em consonância com as expectativas de uma sociedade em transformação. Charles e Verger (1996) observam que a expansão mundial da demanda por educação superior intensifica tensões internas nas instituições, exigindo reinvenções constantes para atender necessidades emergentes e assegurar a permanência dos estudantes.

Manacorda (1992) ressalta a existência de vínculos intrínsecos entre o fenômeno educativo e as esferas política e social, de modo que circunstâncias sociopolíticas influenciam diretamente os processos educacionais e as condições de permanência. Assim, as práticas pedagógicas não se dissociam das disputas e transformações societárias, evidenciando a interdependência entre saberes, territórios e dinâmicas institucionais.

As residências estudantis, nesse sentido, funcionam como microcosmos da realidade brasileira, no qual relações sociais, desigualdades e potencialidades transformadoras são reproduzidas e ressignificadas. Ao reunir estudantes de diferentes origens, esses espaços tornam-se ambientes de aprendizagem permanente, contribuindo não apenas para a formação acadêmica, mas também para a constituição ética, política e humana dos futuros profissionais e cidadãos. As dinâmicas da moradia estudantil revelam, portanto, elementos essenciais para compreender como saberes e territórios se articulam na promoção efetiva da permanência no ensino superior.

3.2. A REGIÃO DO BICO DE PAPAGAIO, TERRITÓRIO E DIVERSIDADE DE SABERES

O Bico do Papagaio, localizado no extremo norte do estado do Tocantins, configura-se como zona de transição entre biomas distintos, conjugando características da floresta amazônica e do Cerrado. Essa diversidade ambiental manifesta-se na organização social e nas práticas cotidianas das populações que habitam a região. Situado na confluência entre a Amazônia e o Nordeste brasileiro, o território apresenta elevada riqueza sociocultural e ambiental, marcada pela pluralidade de povos e pela complexidade das relações históricas que o constituem. Engloba 25 municípios, cada qual com especificidades próprias, mas que compartilham desafios e potencialidades semelhantes.

Nesse contexto, o município de Tocantinópolis (TO) destaca-se como espaço em que dimensões urbanas e rurais se inter-relacionam, preservando e renovando continuamente tradições, modos de vida e identidades coletivas. A economia local fundamenta-se na pesca artesanal e na agricultura familiar, atividades que sustentam não apenas a subsistência das famílias, mas também redes de troca e solidariedade que estruturam o cotidiano regional. Essas dinâmicas econômicas e culturais influenciam diretamente as políticas de permanência estudantil, considerando que muitos residentes da moradia universitária provêm desses contextos produtivos e comunitários.

Historicamente, o processo de formação social do Bico do Papagaio esteve marcado por intensos fluxos migratórios, conflitos fundiários e lutas por direitos territoriais. Conforme assinala Soares (2009), a grilagem de terras e as disputas agrárias constituíram episódios de elevada violência na história recente do país. Com a redemocratização, emergiram organizações populares — sindicatos, cooperativas e associações de trabalhadores — que passaram a mediar demandas sociais e fortalecer o protagonismo local, valorizando saberes tradicionais e práticas comunitárias. Esse cenário de resistência confere à região uma densidade simbólica singular, na qual fronteiras territoriais se entrelaçam com fronteiras identitárias e culturais, influenciando também as políticas de assistência e permanência estudantil.

É nesse ambiente que se insere a Moradia Estudantil vinculada ao Centro de Educação, Humanidades e Saúde da Universidade Federal do Norte do Tocantins (CEHS/UFNT), em Tocantinópolis. O espaço configura-se como local de convivência e produção de saberes, reunindo estudantes de diferentes origens, incluindo jovens indígenas, quilombolas e oriundos de comunidades rurais. A moradia constitui, assim, um território de intercâmbio cultural e aprendizagem coletiva, compondo elemento central das políticas de permanência ao favorecer relações cotidianas que se constroem e se transformam a partir do reconhecimento das diferenças.

A política de permanência estudantil no CEHS/UFNT parte do entendimento de que a democratização do ensino superior requer mais do que a oferta de vagas; demanda condições materiais e simbólicas que garantam a continuidade dos estudos. Nesse sentido, a moradia estudantil assume papel estratégico ao oferecer não apenas abrigo, mas também um ambiente de formação integral, no qual saberes acadêmicos dialogam com saberes tradicionais e comunitários. Essa articulação contribui para o fortalecimento das identidades dos estudantes e amplia suas possibilidades de inserção e pertencimento no espaço universitário.

Foi nesse cenário que se desenvolveu o Projeto de Extensão “Bem-Estar Universitário: Diálogos Integrativos na Moradia Estudantil”, vinculado ao Programa Floresça-UFNT. A iniciativa reuniu estudantes residentes, grupos indígenas e membros da comunidade local em atividades formativas e culturais, como oficinas de arte, rodas de conversa, práticas corporais e ações voltadas à saúde e ao cuidado coletivo. Tais atividades constituíram espaços de escuta e troca de saberes, favorecendo o diálogo entre o conhecimento acadêmico e os conhecimentos tradicionais e comunitários, e contribuindo para consolidar a permanência estudantil por meio do fortalecimento das identidades e dos vínculos territoriais.

Durante as oficinas, observou-se a construção coletiva do conhecimento, com participantes compartilhando experiências de vida, expressões culturais e práticas cotidianas que refletem suas histórias e identidades. Estudantes indígenas, por exemplo, apresentaram rituais e narrativas de seus povos, promovendo intercâmbio simbólico que ressignificou a moradia como território de diálogo intercultural. A comunidade local também contribuiu com práticas vinculadas à agricultura sustentável, à medicina popular e à culinária tradicional, reforçando a dimensão pedagógica da convivência entre universidade e território. Esse movimento evidencia que a permanência estudantil se concretiza não apenas por meio de suporte material, mas também pelo reconhecimento dos saberes que os estudantes trazem de suas comunidades.

A interação entre residentes e comunidade revelou o potencial da extensão universitária como instrumento de transformação social e de fortalecimento dos vínculos entre saberes acadêmicos e populares. A troca de experiências ampliou a compreensão sobre o papel da universidade na promoção do desenvolvimento humano integral, articulando dimensões cognitivas, emocionais e culturais. Nessa perspectiva, a política de permanência transcende o caráter assistencial e se afirma como prática de reconhecimento das identidades e de fortalecimento do pertencimento institucional.

A vivência na Moradia Estudantil, especialmente no âmbito do projeto de extensão, demonstra que o aprendizado universitário ultrapassa os limites da sala de aula. O convívio cotidiano favorece o desenvolvimento de competências sociais e afetivas, como empatia, respeito e capacidade de diálogo, essenciais à formação cidadã crítica e participativa. Assim, a moradia configura-se como território educativo, no qual práticas coletivas convertem-se em experiências formativas que articulam teoria e prática, conhecimento e vida, contribuindo para a consolidação da permanência por meio do fortalecimento das identidades regionais.

A presença de estudantes do curso de Educação do Campo, estruturado na pedagogia da alternância, intensifica essa integração entre saberes locais e acadêmicos. Esses estudantes, ao transitar entre suas comunidades e o espaço universitário, introduzem experiências, tradições e visões de mundo que enriquecem o ambiente coletivo. O movimento de ida e retorno amplia o sentido da moradia como espaço que acolhe e, simultaneamente, devolve saberes à sociedade, fortalecendo o compromisso da universidade com o território e com o bem comum. A política de permanência, nesse contexto, sustenta-se na valorização das identidades camponesas, indígenas e quilombolas, promovendo equidade e respeito às diferenças.

Sob a perspectiva da análise teórica e da observação participante, a experiência evidencia que a convivência cotidiana na moradia estimula redes de solidariedade e cooperação. As atividades extensionistas ampliaram a percepção dos estudantes sobre o valor do diálogo intercultural e sobre o papel da universidade na promoção da inclusão e da equidade. A moradia configura-se, assim, como espaço de resistência simbólica, onde a diversidade é reconhecida como fonte de aprendizagem e a pluralidade se afirma como condição fundamental para o florescimento humano. Ao incorporar essas dimensões simbólicas e culturais, as políticas de permanência fortalecem as identidades estudantis e ampliam suas condições de êxito acadêmico.

Compreender a moradia estudantil nesse contexto regional, situado na fronteira simbólica e geográfica do Bico do Papagaio, implica reconhecer que o ensino superior público cumpre função social que ultrapassa a formação técnica e científica. Ele constitui espaço de encontro entre culturas, de reconstrução de identidades e de fortalecimento de vínculos comunitários. As experiências vivenciadas no Projeto “Bem-Estar Universitário” demonstram que a universidade, ao dialogar com seu território e seus sujeitos, torna-se agente de promoção da dignidade, da diversidade e da justiça social. Nessa perspectiva, a política de permanência converte-se em instrumento de reconhecimento das identidades regionais e de valorização dos saberes que sustentam a vida no Bico do Papagaio.

Desse modo, a moradia estudantil, ao abrigar múltiplas vivências e trocas, consolida-se como território de saberes compartilhados e de formação cidadã. Contribui, assim, para o desenvolvimento integral dos estudantes e para o fortalecimento do papel social da universidade na região. A política de permanência estudantil do CEHS/UFNT, ao articular assistência material, valorização dos saberes tradicionais e reconhecimento das identidades locais, afirma-se como prática de justiça social e compromisso institucional com a diversidade e a equidade no acesso e na permanência no ensino superior.



4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A observação das vivências cotidianas dos estudantes residentes na Moradia Estudantil do CEHS/UFNT, em Tocantinópolis (TO), conduzida a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, articulando referências bibliográficas e observação participante, revelou a complexidade e a densidade formativa desse espaço em sua relação com as políticas de assistência estudantil e com a perspectiva de formação humanista. Os resultados indicam que a moradia ultrapassa a função de alojamento, constituindo-se como um território de saberes, interações sociais, relações de poder e estratégias de permanência no ensino superior.

Durante as oficinas, observou-se um processo de construção colaborativa do conhecimento, no qual os participantes compartilharam experiências de vida, expressões culturais e práticas que refletem suas identidades e trajetórias. Estudantes indígenas apresentaram rituais, narrativas e elementos simbólicos próprios de suas culturas, ressignificando a moradia como espaço de convivência e diálogo entre diferentes modos de existência. A comunidade local, por sua vez, contribuiu com conhecimentos vinculados à agricultura sustentável, à medicina popular e à culinária tradicional, ampliando as conexões entre universidade e território e reforçando o caráter pedagógico da extensão universitária.

Nesse contexto, a moradia estudantil configura-se como um locus privilegiado de extensão universitária. Ao integrar os saberes tradicionais trazidos pelos estudantes — indígenas, quilombolas e camponeses — ao conhecimento acadêmico, o espaço rompe os limites da sala de aula. A extensão deixa de assumir a forma de projetos pontuais e passa a constituir uma vivência cotidiana, em que a universidade dialoga organicamente com a sociedade representada pela diversidade de seus discentes. As oficinas e rodas de conversa do Projeto “Bem-Estar Universitário” materializam a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, convertendo a convivência em prática pedagógica de caráter emancipatório.

A moradia manifesta-se, assim, como ambiente dinâmico de trocas culturais e interações sociais, acolhendo estudantes oriundos de contextos urbanos, rurais, indígenas e quilombolas. Essa diversidade de trajetórias constitui um campo fecundo para o diálogo entre distintas visões de mundo, transformando o cotidiano em processo contínuo de aprendizagem e de construção coletiva do conhecimento. A pluralidade que caracteriza esse espaço estimula a empatia, a cooperação e o reconhecimento da alteridade, consolidando a noção de coletividade e fortalecendo redes de apoio fundamentais à permanência acadêmica e ao desenvolvimento humano.

Entre os efeitos mais significativos dessa convivência destaca-se a formação de vínculos afetivos e identitários que transcendem a dimensão individual. O cotidiano compartilhado contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento, especialmente entre estudantes distantes de suas famílias ou provenientes de regiões historicamente marginalizadas. Essa experiência, simultaneamente emocional e formativa, favorece a adaptação à vida universitária, reforça a resiliência diante das exigências acadêmicas e sociais e estimula a criação de estratégias coletivas para enfrentar desafios cotidianos.

A rotina na moradia também se configura como espaço de circulação, produção e apropriação de conhecimentos. Saberes oriundos de diferentes territórios e experiências — da agricultura familiar às práticas culturais tradicionais e aos conhecimentos científicos — são compartilhados, reinterpretados e integrados às vivências pessoais. Essa dinâmica evidencia que a moradia não apenas reproduz conhecimentos, mas os transforma em aprendizado situado, articulado às práticas comunitárias e à vida regional, promovendo uma formação crítica, reflexiva e interdisciplinar.



Entretanto, esse espaço também é atravessado por tensões, conflitos e negociações. As políticas públicas que o sustentam, como o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), influenciam diretamente suas dinâmicas internas e as condições de permanência dos residentes. Enquanto instrumento dessa política, a moradia assegura acesso e equidade, sobretudo para jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A análise demonstra que ela atua como mediadora entre diretrizes institucionais e demandas individuais, cuja efetividade depende da articulação entre políticas formais e práticas cotidianas de convivência.

As relações estabelecidas entre os estudantes são marcadas por diferenças culturais, de gênero, origem territorial e perspectivas de mundo, o que pode gerar disputas simbólicas e conflitos de convivência. Tais desafios constituem oportunidades de aprendizagem coletiva, exigindo diálogo, empatia e cooperação. Esse processo fortalece a maturidade pessoal e acadêmica, a consciência crítica e o senso de responsabilidade social, contribuindo para a formação de sujeitos sensíveis às questões humanas e sociais.

A Moradia Estudantil do CEHS/UFNT configura-se, assim, como microcosmo da sociedade, no qual as diretrizes do PNAES ganham concretude por meio de práticas cotidianas e redes de solidariedade entre os moradores. Para além do apoio material, afirma-se como ambiente de formação integral, no qual se cultivam valores de convivência, empatia e cooperação. Ao garantir a permanência acadêmica e promover o desenvolvimento humano, reafirma-se o papel transformador da universidade pública na promoção da inclusão, da diversidade cultural e da cidadania.

Esse território simbólico oferece experiências de liderança, participação e construção coletiva de normas, estimulando reflexões sobre direitos, deveres e relações de poder. As práticas desenvolvidas nesse contexto, aliadas à diversidade de saberes e origens, evidenciam que a moradia estudantil funciona como espaço privilegiado de aprendizagem social e fortalecimento de vínculos comunitários, contribuindo para o desenvolvimento sustentável da região do Bico do Papagaio e para a consolidação de uma universidade mais humana, democrática e plural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A moradia estudantil tem adquirido crescente relevância nas discussões sobre acesso, permanência e formação integral no ensino superior brasileiro. Mais do que assegurar condições materiais mínimas, esses espaços configuram-se como contextos privilegiados para observar processos de socialização, constituição de identidades e produção de vínculos comunitários. Em universidades situadas em territórios marcados pela diversidade cultural e por desigualdades históricas, como a região do Bico do Papagaio, sua importância torna-se ainda mais evidente para compreender como políticas públicas e experiências cotidianas se articulam na trajetória dos estudantes.

Nesse cenário, compreender a dinâmica interna das moradias estudantis — seus modos de convivência, práticas sociais e significados atribuídos pelos residentes — revela-se fundamental para avaliar a efetividade das ações institucionais de permanência e reconhecer a influência do contexto territorial na formação acadêmica e humana. Assim, este artigo dedica-se a investigar a Moradia Estudantil do Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS/UFNT), localizada em Tocantinópolis (TO), com o objetivo de elucidar como o cotidiano compartilhado contribui para a consolidação de pertencimentos, o fortalecimento de redes de apoio e a construção de experiências formativas que extrapolam o âmbito curricular.

Este artigo busca compreender de que modo as vivências cotidianas dos estudantes residentes na moradia influenciam a construção de identidades, o estabelecimento de relações interpessoais e a apropriação do espaço compartilhado. A adoção de uma abordagem qualitativa e interpretativa possibilitou examinar as práticas sociais e os significados atribuídos pelos moradores, articulando referenciais teóricos e observação participante. Tal metodologia permitiu uma leitura aprofundada das dimensões individuais, coletivas e territoriais que compõem a experiência de vida no espaço investigado.

Os resultados indicam que a moradia estudantil ultrapassa sua função prática de alojamento, configurando-se como um espaço de acolhimento, pertencimento e intercâmbio cultural. A convivência entre estudantes oriundos de diferentes contextos — urbanos, indígenas, quilombolas e rurais — favorece a circulação de saberes e experiências, enriquecendo tanto a formação acadêmica quanto o desenvolvimento pessoal. Essa diversidade de perspectivas estimula a construção de uma identidade coletiva e o fortalecimento de vínculos afetivos e sociais que se estendem para além do espaço físico da moradia.

Para estudantes migrantes, que enfrentam desafios relacionados ao distanciamento familiar e à adaptação a novos contextos socioculturais, a moradia constitui um ambiente de apoio e reconhecimento. As práticas de cooperação, solidariedade e partilha observadas entre os residentes evidenciam a capacidade de formar redes de suporte que mitigam impactos decorrentes da vulnerabilidade socioeconômica e da ruptura com o lugar de origem. O cotidiano apresenta-se, assim, como campo de aprendizagem contínua, no qual o convívio entre trajetórias diversas fomenta o desenvolvimento de competências como empatia, resiliência, negociação e responsabilidade social — habilidades essenciais para a vida universitária e profissional.

A localização da moradia na região do Bico do Papagaio, marcada por pluralidade cultural, desigualdades sociais e desafios históricos, reforça a relevância desse espaço como ponto de convergência entre políticas públicas e experiências comunitárias. A análise demonstra que a integração entre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e as práticas cotidianas dos moradores é determinante para o êxito das políticas de permanência. As ações institucionais adquirem maior efetividade quando dialogam com as territorialidades, reconhecem saberes locais e consideram as realidades concretas dos estudantes.

A dimensão pedagógica emergente da vida em comunidade também se mostra significativa. A moradia constitui um ambiente de aprendizagem que transcende os limites curriculares, permitindo o desenvolvimento de competências sociais, afetivas e cidadãs. A convivência com diferentes modos de vida e perspectivas estimula a cooperação, o diálogo e a resolução coletiva de conflitos. Tais experiências evidenciam o papel formativo dos espaços sociais na construção da consciência crítica e na formação integral do indivíduo, configurando a moradia como um microcosmo das relações sociais mais amplas.

Embora tensões e disputas ocasionais façam parte da dinâmica comunitária, a pesquisa identificou elementos que reforçam a identidade coletiva dos residentes. A solidariedade, a constituição de redes de apoio e a valorização da diversidade cultural surgem como práticas que fortalecem o sentimento de comunidade e o reconhecimento da pluralidade. A moradia apresenta-se como espaço em constante construção, no qual saberes circulam, transformam-se e se integram às trajetórias individuais e coletivas, reafirmando sua relevância para a formação humana e social.



O estudo contribui para ampliar a compreensão das interações entre políticas educacionais, territorialidade e experiências estudantis, destacando a importância de considerar a voz dos residentes na formulação de estratégias institucionais. A Moradia Estudantil do CEHS/UFNT, em Tocantinópolis (TO), emerge como espaço transformador que promove inclusão, fortalece vínculos e amplia horizontes. Reforça-se, assim, a necessidade de políticas públicas que articulem apoio material, acolhimento social e estímulo à participação ativa dos estudantes, assegurando não apenas o acesso, mas também a permanência e a formação integral no ensino superior.

Ao reconhecer a moradia como território de saberes e convivências, compreende-se seu papel central na promoção da equidade, na valorização da diversidade e no fortalecimento do desenvolvimento local sustentável na região do Bico do Papagaio, reafirmando a universidade pública como agente de transformação social e humana.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERO MANACORDA, Mario. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1992.

BASSANI, Paulo; MARTINS, Maria Helena. **Formação universitária e sociedade: desafios da educação superior no século XXI**. São Paulo: Cortez, 2011.

BESSAS, João; COSTA, Ana Paula. **Educação e inclusão social: políticas públicas e desafios contemporâneos**. Brasília: MEC, 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1985.

BRAGA-CAMPOS, F. C.; MOREIRA, M. I. B.; PAULA, Y. A.; PAULO, L. F.; MEDEIROS, M. A. T. **O terreiro lá de casa: reconhecimento de bens culturais e bons encontros na comunidade**. Revista Diálogos: Construção Conceitual de Extensão e Outras Reflexões Significativas, Brasília, v. 14, n. 1, p. 53–62, dez. 2010.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 jul. 2010.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 ago. 2012.

BRASIL. Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023. **Altera a Lei nº 12.711/2012 para aprimorar o sistema de cotas no ensino superior**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 14.914, de 29 de maio de 2024. **Institui o Programa Estudantil de Moradia (PEM)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 maio 2024.

BUFFA, Ester; PINHO, Maria do Carmo. **Educação e cidade: espaços, tempos e saberes**. Campinas: Autores Associados, 2016.

CHARLES, Cláudia; VERGER, Jacques. **História das universidades**. São Paulo: Unesp, 1996.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: Edufba, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRAGO, Antonio Viñao. **Espaço e tempo na educação: o tempo escolar e a construção do espaço educativo**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GARFINKEL, Harold. **Estudios en etnometodología**. Tradução de Hugo Antonio Pérez Hernáiz. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; México: UNAM – Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades; Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006.

GARRIDO, José. **Educação superior e desenvolvimento humano**. São Paulo: Cortez, 2012.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PAVÃO, Sandra. **Assistência estudantil e permanência no ensino superior: desafios contemporâneos**. Porto Alegre: Penso, 2015.

SOARES, Ana Lúcia; PRETTE, Zilda A. P. **Acolhimento e adaptação no ensino superior: perspectivas psicossociais**. São Paulo: Cortez, 2015.

SOARES, Zaré Augusto Brum. **Agricultura familiar, movimentos sociais e desenvolvimento rural na região do Bico do Papagaio - Tocantins: um estudo sobre a relação entre sociedade civil e desenvolvimento**. 2009. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Sociedade e Agricultura. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009